

# ALEGORIAS CAPITALISTAS DA ATLÂNTIDA PERDIDA

Pedro Tarozzo Tinoco Cabral Lima<sup>1</sup>

**RESUMO:** Alguns poucos pensadores conseguem ter a sensibilidade de sentir os ventos que sopram em seu momento histórico, traduzindo filosoficamente as ideias que são por eles levantadas. Bacon foi um desses pensadores, pois conseguiu pôr em palavras o sentimento de mudança que perpassava a geração que então fundava o capitalismo, deixando o passado medieval rumo à modernidade. A sua *Nova Atlântida* representa a síntese dessa mudança, marco dessa transição que retoma a ideia platônica de *Atlântida* para assentar os pilares da Inglaterra incipientemente capitalista, na qual o imperialismo em ascensão começava a dar as cartas da vez. Neste pequeno artigo, procura-se abordar o significado filosófico desse “refundar” de Atlântida no contexto histórico de Bacon.

**PALAVRAS-CHAVE:** Atlântida. Bacon. Platão.

## CAPITALIST ALLEGORIES OF LOST ATLANTIS

**ABSTRACT:** A few thinkers may have the sensitivity to feel the winds that blow in their historical moment, philosophically translating the ideas that are raised. Bacon was one of these thinkers because he put into words the feeling of change that permeated the generation that was founding capitalism, leaving the medieval past for modernity. His *New Atlantis* represents the synthesis of this change, as a landmark of this transition, resumes the Platonic idea of *Atlantis* to lay the foundations of an incipiently capitalist England, in which the rising imperialism was beginning to take over. In this short article, we try to approach the philosophical meaning of this “refundation” of Atlantis in the historical context of Bacon.

**KEYWORDS:** Atlantis. Bacon. Plato.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Filosofia (UNICAMP), Especialista em Direito do Trabalho (USP), Bacharel em Direito (USP). E-mail: pedrottcl@gmail.com. Telefone: (11) 99588.1648. ORCID: 0000-0003-3431-9450.

## INTRODUÇÃO

Os momentos de virada de um modo de produção para outro são muito ricos do ponto de vista da originalidade dos pensadores que os presenciaram. Mas são alguns poucos pensadores aqueles que conseguem ter a sensibilidade de sentir os ventos que sopram em seu momento histórico, traduzindo filosoficamente as ideias que são por eles levantadas.

Francis Bacon, escritor inglês do século XVII, foi um desses pensadores que sentiram os ventos históricos de sua época, pois conseguiu pôr em palavras o sentimento de mudança que perpassava a geração que então fundava o capitalismo, deixando o passado medieval rumo à modernidade. A sua *Nova Atlântida* representa a síntese dessa mudança, marco da transição que retoma páginas célebres dos *Diálogos* de Platão, as quais se referem a uma suposta Atlântida que teria existido num passado distante, séculos antes da Atenas do século IV a.C. Esta Nova Atlântida de F. Bacon é alegorizada, recorre à ideia platônica de Atlântida para assentar os pilares da Inglaterra incipientemente capitalista, na qual o imperialismo em ascensão começava a dar as cartas da vez. Há, de certo modo, uma “refundação” filosófica da Atlântida no contexto histórico de Bacon – momento no qual estão sendo efetivamente fundadas as cidades do modo de produção capitalista.

Em *Nova Atlântida*<sup>2</sup>, Bacon imagina uma sociedade modelo, localizada em uma ilha distante, não conhecida pela civilização europeia, denominada *Bensalém* (do árabe, “filha da salvação”<sup>3</sup>), e que foi encontrada

---

<sup>2</sup> BACON, Francis. *Novum Organum ou Verdadeiras Indicações acerca da Interpretação da natureza. Nova Atlântida*. Tradução e Notas de José Aluysio Reis de Andrade. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda., 1999.

<sup>3</sup> Idem. Cf. nota do editor, p. 229.

ocasionalmente por marinheiros à deriva. Nessa sociedade isolada, Bacon dá vazão à sua imagem ideal de ordem social, na qual a moral rígida dos governantes, de cunho cristão, seria acompanhada de perto pela investigação do mundo natural, com a prática experimental dando o tom dos avanços “científicos”<sup>4</sup> daquela sociedade dita fabulosa. Há, assim, no mundo ideal do inglês, uma justaposição aparente entre a experimentação natural e o costume, onde o avanço da primeira seria acompanhado de perto pela inércia do segundo, momento no qual a tradição e a filosofia natural – estranhamente – se encontrariam.

É interessante notar que o título atribuído por Bacon ao pequeno conto é *Nova Atlântida*. Percebe-se, desse modo, que existe uma referência direta aos *Diálogos* platônicos (recorde-se que o mito de Atlântida é invocado nos diálogos *Timeu* e *Crítias*<sup>5</sup>). Mas não será só pelo título do texto de Bacon que poderemos perceber uma vinculação direta do inglês com esses diálogos de Platão. Mas também em função da menção literal feita pelo personagem da *Nova Atlântida*, denominado *Governador da Casa dos Estrangeiros*, a eles, quando este descreve a origem histórica da mencionada Ilha de Bensalém, a qual teria sido contemporânea da “grande Atlântida” nos séculos passados, referindo-se diretamente a passagens dos diálogos *Timeu* e *Crítias* de “um dos vossos grandes homens”, Platão<sup>6</sup>.

---

<sup>4</sup> Com a ressalva de que: “Is ‘science’ in fact the best word, though, to describe Bacon’s interests? It is certainly a convenient label, a useful shorthand that seems to cover in one term the whole range of the activities pursued in Salomon’s House in the *New Atlantis*. But it is also an anachronistic word. ‘Science’, in the modern sense, did not exist when Bacon was writing: the categories of ‘science’ and the ‘scientist’ are creations of the nineteenth, not of the seventeenth century.” SERJEANTSON, Richard. *Natural Knowledge in the New Atlantis*. In: Francis Bacon’s ‘New Atlantis’, ed. by Bronwen Price. Manchester: Manchester University Press, 2002, p. 83.

<sup>5</sup> PLATÃO. *Diálogos V – O banquete; Mênon (ou da virtude); Timeu; Crítias / Platão* [tradução, textos complementares e notas Edson Bini]. – Bauru: EDIPRO, 2010. (Clássicos Edipro).

<sup>6</sup> BACON, Francis. *Novum Organum ou Verdadeiras Indicações acerca da Interpretação da*

Percebe-se, assim, que um dos teóricos fundadores da sociedade capitalista, o ilustre político do reinado de Jaime I, Francis Bacon, simbolicamente escolhe a Atlântida dos *Diálogos* para opor ao mito da cidade que ele então estava construindo em *logos*: a Ilha de Bensalém, sua “Nova Atlântida”, ou seja, a “Atlântida” alegorizada do capitalismo em ascensão.

Ora, quais repercussões podem ser extraídas dessa referência expressa de Bacon aos *Diálogos*? O que significa filosoficamente louvar uma *Nova Atlântida* na Inglaterra do século XVII?

## ATLÂNTIDA E NÃO-ATLÂNTIDA

Hector Benoit nos ensina que os *Diálogos* possuem uma *léxis*, ou um modo de exposição racionalmente ordenado, no qual a trajetória da dialética acompanha as aventuras e desventuras de seu principal personagem, Sócrates.<sup>7</sup> Os diálogos *Timeu* e *Crítias*, portanto, inserem-se dentro da *léxis* dos *Diálogos*, e mais, em um momento muito particular, no qual haverá a tentativa de dar “realidade histórica à cidade socrática [descrita no diálogo *República*] através da aproximação com aquela Atenas que teria existido no passado.”<sup>8</sup> Isto é, como se sabe, após a construção de uma cidade em *logos* na *República* por Sócrates, Crítias tentará demonstrar que a cidade imaginada por Sócrates se aproximaria da própria Atenas do passado, narrada por Sólon a seu neto, o próprio

---

*natureza. Nova Atlântida*. Tradução e Notas de José Aluysio Reis de Andrade. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda., 1999. p. 233.

<sup>7</sup> BENOIT, Hector. *Platão e as temporalidades: a questão metodológica*. São Paulo: Annablume, 2015; e *A Odisseia de Platão: as aventuras e desventuras da dialética*. São Paulo: Annablume, 2017.

<sup>8</sup> BENOIT, Hector. *A Odisseia de Platão: as aventuras e desventuras da dialética*. São Paulo: Annablume, 2017. p. 143.

Crítias, a partir da conversa que esse teve com um sacerdote egípcio. Diz Crítias (*Timeu*, 26c-d):

Transportaremos para o domínio do fato o Estado e seus cidadãos que para nós descreveste ontem como se fosse uma fábula. Na realidade, suporemos que esse Estado corresponde ao nosso antigo Estado e diremos que os cidadãos por ti imaginados são, na verdade, nossos próprios ancestrais, aos que se referiu o sacerdote [em conversa com Sólon].

Nota-se que a antiga Atenas proto-histórica descrita por Crítias corresponde a uma cidade fundada pelos deuses Hefáistos e Atena (*Crítias*, 109c). Amantes da sabedoria e das artes, esses deuses teriam forjado uma cidade na qual não havia propriedade privada - “todos encarando o que possuíam como propriedade comum a todos” (*Crítias*, 110d) - e que não almejava riquezas materiais. Eis porque seus cidadãos “não possuíam ouro ou prata, do que absolutamente não se serviam; pelo contrário, visavam à mediania entre a ostentação e a mesquinhez” (*Crítias*, 112c). Assim, a pretérita Atenas refletiria um ideal de harmonia e estabilidade, inspirando uma liderança natural nos demais gregos, “que os acatavam voluntariamente” (*Crítias*, 112d).

Por seu turno, “coube a Poseidon a ilha de Atlântida” (*Crítias*, 113c), o qual fundou a cidade governada por Atlas, seu primogênito. Os cidadãos de Atlântida, no início, munidos da divindade legada pelo deus dos mares, pouco se importavam com o acúmulo de bens materiais, o que lhes propiciou conglomerá-los, “e a riqueza que possuíam foi de tal proporção que acúmulo semelhante jamais foi visto antes em qualquer casa real” (*Crítias*, 114d). Não fosse o bastante, eles também extrairiam

não só o ouro, como também o oricaldo, “que, depois do ouro, era naquela época o mais precioso dos metais conhecidos” (*Crítias*, 114e). Ademais, Atlântida seria reconhecidamente um império (*Crítias*, 114d), mantendo vários “países estrangeiros submetidos” (*Crítias*, 116e). De modo que vários elementos teriam contribuído para a sua austeridade. Porém, como nos relata Crítias, quando a “porção de divindade neles encerrada principiou a se enfraquecer”, teria surgido um “desejo ilícito por posses e por poder” (*Crítias*, 121a-b).

Percebe-se, dessa maneira, que os traços fundamentais da Atenas proto-histórica descrita por Crítias representam a negação da antiga Atlântida: propriedade comunitária de uma, em contraposição à acumulação de riquezas da outra; liderança nata de uma, em prol de homens livres, ao passo que a outra manteria um império, subjugando nações; perene harmonia e estabilidade da primeira, enquanto a segunda teria se perdido no mundo das vicissitudes, da vaidade e da mesquinhez. O diálogo *Crítias*, estranhamente, tal como a enunciada tragédia de Atlântida, acaba repentinamente (*Crítias*, 121c), de forma que não é possível saber quais os detalhes do destino que Zeus preparou para seu povo, senão que foram derrotados pelos gregos (liderados pelos atenienses) e que um cataclisma ambiental acabou por dizimá-los. Fica, da lição dos *Diálogos*, que a Atenas proto-histórica seria a negação de Atlântida, ou seja, a sua literal superação humana e bélica, inclusive com a supressão geográfica da cidade de Atlântida em função da ira divina, enquanto Atenas, abençoada pelos deuses, teria prosperado pelos séculos seguintes, podendo desenvolver a sua democracia até atingir o tempo histórico dos personagens do diálogo *Crítias* (entre 410 e 408

a.C.<sup>9</sup>), levando a crer que a “República” ateniense teria dialeticamente negado o “Império” atlântico.

Entretanto, é muito significativo que Bacon, de certo modo, reivindique a refundação da Atlântida perdida em sua *Nova Atlântida*. Há uma clara opção do inglês pela antagonista da Atenas “republicana”, uma tentativa de negá-la (“a counter-model to Socrates’ ideal society”<sup>10</sup>). Note-se, nesse sentido, que a Ilha de Bensalém aparece, literalmente, como a “filha da salvação”, ou seja, a filha da salvação atlântica, filha que nasce do modelo de Estado que milagrosamente se perpetuou, um elo perdido que escapou à fúria do pagão Zeus, elo este que pôde, ao mesmo tempo, preservar o passado glorioso de Atlântida e ainda desenvolver um modo de ser cristão, lançando, assim, as bases para a construção de uma “nova Atlântida” imperial e cristã, impecavelmente rica, correta, educada, forte, sábia, técnica e experimental, ou - talvez os contemporâneos de Bacon facilmente inferissem - inglesa e burguesa...

## **REFUNDAR OU AFUNDAR DE VEZ?**

Pode-se recordar, com o historiador David Hume, que, nos tempos de Bacon, o “evento que principalmente torna memorável o reinado de Jaime é o início da colonização inglesa na América, com o estabelecimento de assentamentos nas mais nobres bases jamais vistas em qualquer época ou nação.”<sup>11</sup> Tem-se, desse modo, que os anseios de

---

<sup>9</sup> BENOIT, Hector. *A Odisseia de Platão: as aventuras e desventuras da dialética*. São Paulo: Annablume, 2017. p. 562.

<sup>10</sup> WELBURN, Jude. *Empire and Utopia: Images of the New World in Francis Bacon's Works*. *English Literary Renaissance*, 10.1086/697681, 48, 2, (2018). p. 187.

<sup>11</sup> HUME, David. *História da Inglaterra: da invasão de Júlio César à revolução de 1688* / David Hume; seleção, tradução, apresentação e notas Pedro Paulo Pimenta. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2017. p. 276.

Bacon expostos em sua *Nova Atlântida* - best seller da sua época<sup>12</sup> -, de retomada de um modelo de sociedade imperial-colonialista (tal como a Atlântida dos *Diálogos*), certamente correspondem à posição imperialista inglesa do século XVII, a qual se encontrava em franca expansão rumo às colônias americanas, ou, poderíamos dizer, colônias da “grande Atlântida inglesa”, que Bacon pessoalmente tanto bem-queria.<sup>13</sup> Afinal, o personagem *Governador da Casa dos Estrangeiros*, na *Nova Atlântida* de Bacon, literalmente louva a Atlântida dos *Diálogos*, destacando que “a Atlântida, assim como o Peru, então chamado Coya, e também o México, então chamado Tyrambel, eram reinos orgulhosos e poderosos em armas, navios e riquezas”, tendo exercido posições expansionistas, inclusive contra a Europa, campanha a qual “o mesmo autor dentre vós (segundo parece) [Platão] teve alguma notícia de um sacerdote egípcio a quem cita.”<sup>14</sup>

Veja-se que Bacon procura justificar a perspectiva expansionista sugerida na *Nova Atlântida* pelo viés “científico” e moral. Pode-se inferir, do conto do inglês, que uma sociedade avançada científica e moralmente deteria as condições de se tornar uma “nova Atlântida”. Nesse sentido,

---

<sup>12</sup> Segundo Serjeantson, “The *New Atlantis* is an important document in this reception history, for it was often reprinted, was widely read, and indeed was sometimes even continued by other writers keen to exploit its ambitious, optimistic, but ultimately unfinished qualities.” SERJEANTSON, Richard. *Natural Knowledge in the New Atlantis*. In: Francis Bacon’s ‘New Atlantis’, ed. by Bronwen Price. Manchester: Manchester University Press, 2002. p. 83.

<sup>13</sup> “Bacon’s involvement in early English colonial ventures was not merely rhetorical; he owned shares in both the Newfoundland Company and the Virginia Company, and offered advice and support to those engaged in promoting English colonial ventures abroad.” WELBURN, Jude. *Empire and Utopia: Images of the New World in Francis Bacon’s Works*. English Literary Renaissance, 10.1086/697681, 48, 2, (2018). p. 168.

<sup>14</sup> BACON, Francis. *Novum Organum ou Verdadeiras Indicações acerca da Interpretação da natureza. Nova Atlântida*. Tradução e Notas de José Aluísio Reis de Andrade. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda., 1999. p. 233. Observa-se que o personagem de a *Nova Atlântida* se refere aos diálogos *Timeu* e *Crítias*, especialmente nas passagens em que Crítias recorda a viagem de Sólon ao Egito.

*Nova Atlântida* não seria sequer uma metáfora alegórica, mas uma verdadeira metonímia, na qual a “Nova Atlântida” representaria uma nova e grande Inglaterra, ambas supostamente herdeiras da Atlântida proto-histórica através de sua filha (e outra ilha) *Bensalém*, tal como indica o pesquisador da Universidade de Toronto, Jude Welburn<sup>15</sup>:

But does the representation of Bacon’s project as a struggle for mastery over nature transcend particular forms of political domination, or is the image of “human empire” indissolubly bound up with actual forms of imperialism? What is the relationship between the (political) vehicle and (epistemological) tenor in Bacon’s key metaphor? Many literary critics and historians of science have recently sought to separate or set in opposition Bacon’s epistemology and his politics, arguing that the figure of the “New World” in the *Novum Organum* and elsewhere is meant to provide a striking contrast between political empire and human empire. Attempts to separate Bacon’s scientific project from his imperialist rhetoric tend to assume that the concept of “human empire” functions as a kind of analogy or metaphor, comparing images from distinct conceptual fields. This essay analyses the dialectical tension between these two forms of empire and demonstrates how they are mutually constitutive in Bacon’s writing. What appears on the surface to be metaphor is in fact metonymical in structure. The discovery of the New World is not just a figurative image of an anticipated human empire; it is part of this expanded vision of empire.

Because the *New Atlantis* provides us with an image of Bacon’s scientific project as an institution, this text offers us a unique insight into the relationship between knowledge and power in Bacon’s thought. In the *New Atlantis*, Bacon alludes to the

---

<sup>15</sup> WELBURN, Jude. *Empire and Utopia: Images of the New World in Francis Bacon’s Works*. *English Literary Renaissance*, 10.1086/697681, 48, 2, (2018). pp. 161-162.

existence of New World empires but places these empires in a distant, mythological past while erasing the political being of contemporary Americans. The foundational event that forms and isolates his utopia involves the destruction and historical erasure of contemporary Amerindian empires, and, narratively, it is this erasure that makes the utopian extension of human empire possible.

Lembrando o romance machadiano, poderíamos dizer que o “olhar oblíquo e dissimulado” de Bacon permite pinçar os elementos de Atlântida que mais lhe convêm, tais como seu expansionismo e poder repressivo, ao passo em que insere em sua *Nova Atlântida* outros itens que correspondem ao momento histórico em que ele próprio vive, notadamente, a experimentação natural e a rigidez cristã. Em certo sentido, Bacon assemelha-se a Crítias quando este fala das origens míticas de Atenas fundada por deuses, já que o escritor inglês funda alegoricamente a sua Bensalém a partir de uma origem divina, mas ao mesmo tempo em que lhe empresta características sensíveis, tal como o mito verossímil de Timeu, procurando justificar o injustificável, ou construir o intangível. Tanto Crítias quanto Bacon fracassarão: a cidade “republicana” imaginada em *logos* por Sócrates não será levantada nestes diálogos (*Timeu* e *Crítias*), tampouco Bacon edificará seu modelo ideal de sociedade, uma vez que o capitalismo que se anunciava não trouxe consigo as maravilhas técnico-experimentais aventadas na *Nova Atlântida*, mas sim um novo modo de produção pautado pela desigualdade representada pelo acúmulo de poucos e pela pobreza de muitos.

Ao tentar negar a Atenas “republicana” e proto-histórica, Bacon, de modo alegórico, contribuiu para fortalecer a negação capitalista dos resquícios feudais que podiam ser encontrados em sua época, já que o

mercantilismo precisava romper com as antigas fronteiras medievais. Não foi por acaso que Bacon foi muito lido em sua época, afinal, era preciso, naquele momento histórico, forjar um mito verossímil para a justificação do expansionismo inglês; o que seria melhor do que retomar a ideia de uma grande nação imperialista do passado, uma ilha, povoada por um povo probo e venturoso, inimiga das nações do continente europeu e ainda colonizadora da “grande Atlântida”, literalmente das terras ameríndias que tanto os ingleses almejavam?

Se a *Nova Atlântida* de Bacon não emergiu por completo, ela pelo menos ajudou a submergir o que restava de feudal na Inglaterra, fortalecendo o capitalismo que começava a se formar, ao mesmo tempo em que minava qualquer possibilidade de construção de um modelo antagônico, comunitário, contido no exemplo de uma Atenas “republicana” proto-histórica. E tudo isso fundamentado na justificativa da experimentação natural, do domínio cristão.

Por certo, a alegoria de Bacon deixou ainda mais distante a possibilidade da construção sensível de uma cidade comunitária e pagã. Na *léxis* dos *Diálogos*, tanto o mito verossímil da Atenas proto-histórica assente nos diálogos *Timeu* e *Crítias* quanto a cidade construída em *logos* por Sócrates (diálogo *República*) não chegaram a ser realizadas sensivelmente. Caberá ao personagem *Ateniense*, no decorrer da *léxis* dos *Diálogos*, forjar, de fato, uma cidade possível no diálogo *Leis*; uma cidade que não corresponde à “república” socrática, mas que dialeticamente a nega, avançando na realização sensível de uma cidade fundada em comunhão, ou *koinonia*.<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup> Cf. BENOIT, Hector. *A Odisseia de Platão: as aventuras e desventuras da dialética*. São Paulo: Annablume, 2017. pp. 471 e seguintes.

Contudo, tendo em vista a efetiva realização material da cidade capitalista nos séculos que se seguiram a Bacon, a tarefa aventada no diálogo *Leis*, agora, além de precisar concretizar uma cidade possível - não só construída em *logos* como a Atenas “republicana” de Crítias ou a “república” socrática do diálogo *República* -, precisaria, também, negar a “Nova Atlântida” de Bacon e a cidade capitalista que a acompanhou. Ou seja, o *Ateniense* precisaria, dialeticamente, negar cinco modelos de cidade, contrapondo-se a elas: Atlântida proto-histórica, Atenas proto-histórica, a cidade do diálogo *República*, a *Nova Atlântida* de Bacon (*Bensalém*) e a “Nova Atlântida” capitalista que foi efetivamente erigida (cuja Inglaterra, segundo Marx no capítulo XIV de *O capital*, é o modelo clássico<sup>17</sup>).

## CONCLUSÃO

Nota-se que, em *Nova Atlântida*, Bacon preconiza a literatura burguesa que se estabelecerá com o modo de produção capitalista. O autor inglês, de certo modo, estabelece uma “utopian image”, “an act which at its most effective shapes the world into meaning with no detriment to its reality”, para usar as palavras de Terry Eagleton quando este se refere à formação do romance<sup>18</sup>. Ou seja, Bacon antecipa os primeiros escritores românticos, pois, antes do advento das “novels”, e de modo similar ao descrito por Eagleton, constrói uma imagem utópica para moldar as novas ideias que estavam sendo ventiladas na Inglaterra do século XVII, ou melhor, elege uma alegoria capitalista para emprestar

---

<sup>17</sup> MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital*; tradução de Rubens Enderle. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017. p. 788.

<sup>18</sup> EAGLETON, Terry. *The English Novel. An Introduction*. Oxford: Blackwell, 2005. p. 16.

força filosófica à construção da cultura que perpassava o advento da nova classe dominante – o realismo romântico somente aprofundará essa tendência nos séculos seguintes.

Para tanto, o escritor inglês se utilizou da tradição filosófica dos *Diálogos* platônicos, mas, invertendo o sentido original da *léxis* dos *Diálogos*, Bacon emprestou razão moral à concepção imperialista de Estado em detrimento da ideia comunitária que podia ser extraída da Atenas proto-histórica descrita no diálogo *Crítias*. Isto é, a *Nova Atlântida* de Bacon corresponde, dialeticamente, a uma negação capitalista da Atenas “republicana”.

Sabe-se que, na *léxis* dos *Diálogos*, surgiu um personagem intitulado *Ateniense* – que muitos aproximam do próprio Platão – que negou dialeticamente a cidade construída em *logos* por Sócrates no diálogo *República*, cujas raízes proto-históricas e míticas foram evocadas nos diálogos *Timeu* e *Crítias*, para estabelecer as bases para a construção de uma cidade possível, fundada em comunhão (*koinonia*), no diálogo *Leis*. Restaria averiguar se, no tempo histórico da contemporaneidade, pode ter surgido algum filósofo ou escritor capaz de retomar a democracia da “república” ateniense, utilizando-se da forma alegórica da possível cidade comunitária descrita no diálogo *Leis*, para negar dialeticamente a cidade capitalista e afundar de vez a alegoria da Atlântida que merece permanecer perdida, sendo superada pela cidade comunista do futuro.

## REFERÊNCIAS

- BACON, Francis. *Novum Organum ou Verdadeiras Indicações acerca da Interpretação da natureza. Nova Atlântida*. Tradução e Notas de José Aluysio Reis de Andrade. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda., 1999.
- BENOIT, Hector. *Platão e as temporalidades: a questão metodológica*. São Paulo: Annablume, 2015.
- BENOIT, Hector. *A Odisseia de Platão: as aventuras e desventuras da dialética*. São Paulo: Annablume, 2017.
- EAGLETON, Terry. *The English Novel. An Introduction*. Oxford: Blackwell, 2005.
- HARTMANN, Anna-Maria. *The strange antiquity of Francis Bacon's New Atlantis*. *Renaissance Studies*, 10.1111/12084, Vol. 29, No. 3 (2014), pp. 375-93.
- HUME, David. *História da Inglaterra: da invasão de Júlio César à revolução de 1688*; seleção, tradução, apresentação e notas Pedro Paulo Pimenta. – 2. ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2017.
- JALOBEANU, Dana. *Bacon's Brotherhood And Its Classical Sources: Producing And Communicating Knowledge In The Project Of The Great Instauration*. In: *Philosophies of Technology: Francis Bacon and his Contemporaries* (2 vols.), 2008, pp. 197–230.
- KLEIN, Jürgen; GIGLIONI, Guido. *Francis Bacon*. *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Fall 2020 Edition), Edward N. Zalta (ed.), URL = <https://plato.stanford.edu/archives/fall2020/entries/francis-bacon/>. Acesso em: 18 mar. 2022.
- MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital*; tradução de Rubens Enderle. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.
- PLATÃO. *Diálogos V – O banquete; Mênon (ou da virtude); Timeu; Crítias / Platão* [tradução, textos complementares e notas Edson Bini]. – Bauru: EDIPRO, 2010. (Clássicos Edipro).
- SERJEANTSON, Richard. *Natural Knowledge in the New Atlantis*. In: *Francis Bacon's 'New Atlantis'*, ed. by Bronwen Price. Manchester: Manchester University Press, 2002, pp. 82–105.

WELBURN, Jude. *Empire and Utopia: Images of the New World in Francis Bacon's Works*. *English Literary Renaissance*, 10.1086/697681, 48, 2, (160-190), (2018).